

Um corpo sem reparação: a tortura a um menino dominicano nos anos 1960 e a temporalidade dos esquecidos¹

Victor Miguel Castillo de Macedo (PPGAS-MN/UFRJ)

Palavras-Chave: Reparação; Temporalidade; Transição Política

“Tristeza não tem fim, felicidade sim...”, cantando esse verso com algum sotaque Jorge Puello Soriano emocionou-me enquanto conversávamos. Acabáramos de nos conhecer separados pela grade de ferro da entrada do escritório da Fundación de Solidaridad con los Héroe de Abril – FUSHA, em Santo Domingo na República Dominicana. Ele contava sobre os brasileiros e sua música, que conheceu durante o exílio na Itália nos anos 1970. Sua voz ressoava nos ladrilhos do corredor de alvenaria, ativando as minhas lembranças e saudades. Nós aguardávamos a volta do presidente da fundação Tirso Medrano, que havia saído para fazer um pagamento no banco com a chave da grade de que nos separava. Mal sabia que naquele momento eu ouvia a voz de uma das pessoas que sofreu diretamente com as consequências da revolução de 1965.

O presente trabalho analisa o caso de uma pessoa torturada pelo governo dominicano nos anos 1960, o senhor Jorge Antonio Puello Soriano (Don Jorge ou Jorgito), como um índice das permanências autoritárias e do silenciamento a respeito das resistências progressistas na época do pós-revolução. Ele tinha 15 anos quando foi torturado pela primeira vez.

O conheci durante a pesquisa de campo sobre ex-combatentes da Revolução de Abril de 1965 em Santo Domingo. Na pesquisa acompanho o dia a dia da FUSHA e suas lutas por reconhecimento e reparação. Don Jorge era uma criança de 14 anos a primeira vez que foi preso pelas forças paramilitares do governo de Joaquín Balaguer (1966-1978). Sua história, comentada nos jornais da época, levanta um problema para o entendimento atual do que foi a revolução: se para muitos dos ex-combatentes ela foi bem sucedida e é até reconhecida pelo governo dominicano atual como uma efeméride pátria, parte desta história foi silenciada.

Para explicar como a Revolução de Abril se articula a uma linha temporal marcada por lutas contra o autoritarismo e a opressão na República Dominicana, inicio

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

essa discussão explicitando parte da trajetória do pai de Don Jorge. Apesar do homônimo, Jorge Puello, o pai dele é conhecido pelos ex-combatentes como “El Men” (“o cara” em português, como o chamarei doravante), devido à sua bravura na luta revolucionária. Através da trajetória de El Men, quero explicitar a articulação entre o fim da ditadura de Rafael Leonidas Trujillo (1930-1961), a revolução de 1965 e os 12 anos da ditadura de Balaguer (antigo braço direito do ditador) iniciada em 1966.

Ao passar da história do pai para o envolvimento do filho, acompanho também as articulações e movimentações das organizações da esquerda dominicana no período de Balaguer. As várias prisões que culminaram no exílio para a Europa, primeiramente na França, e em seguida na Itália, são descritas de acordo com o nível de detalhe que foi possível captar em nossa conversa, via Whatsapp, (uma vez que não pude voltar ao campo devido à pandemia). Apesar da condição adversa que ocorreu o diálogo, sigo a indicação de Sidney Mintz quando comenta sua relação com Taso, seu amigo e interlocutor que contribuiu para o estudo sobre o campesinato porto-riquenho, de que “O empreendimento etnográfico deve voltar-se para algum objetivo relacional;” (Mintz, 1984:49).

O caso de Don Jorge, pelas suas relações, trajetória e abominável violência sofrida, contém elementos comuns ao que foi a experiência de muitos ex-combatentes, e/ou pessoas ligadas à resistência democrática na República Dominicana. Por isso, a exposição sobre sua trajetória será organizada em três momentos que intitulei seguindo os temas tratados e a entonação de meu interlocutor: futuros revolucionários; a inconstância no exílio; e as melancolias no retorno.

O silenciamento, tanto em termos práticos (em nome da ordem), quanto no sentido analítico (de dispositivos de saber-poder, como foi descrito no primeiro capítulo da obra de Michel Rolph-Trouillot, 1995:26-29), tornou-se um estranho fardo, para esse homem que vive hoje de música e poesia entre outras expressões artísticas. Eu espero, com essa exposição, poder demonstrar o que compreendo por temporalidade dos esquecidos, a partir desse olhar situado para relações em socialidades dominicanas.

Antes de passar à trajetória do grande combatente El Men, quero fazer um comentário sobre a forma pela qual estas trajetórias se enquadram na pesquisa de que essa reflexão faz parte.

Ex-combatentes entre futuros, tragédias e reparações

A revolução de abril é um evento crítico no sentido definido por Veena Das (1995:6). Seus efeitos são multiplicidades que se espalham por passados e futuros, não só pela paisagem de ruínas da cidade de Santo Domingo, como também chegam a habitar espaços em bairros de Nova Iorque (como o predominantemente dominicano Washington Heights), até os silêncios da assombrosa história recente da ditadura brasileira². A título de aproximação, vale a pena perpassar alguns acontecimentos e dados, para informar olhares brasileiros sobre as questões a serem tratadas.

A República Dominicana divide no mesmo pedaço de terra que o Haiti, entre Cuba (ao noroeste) e Porto Rico (ao sudeste), à leste da Jamaica. Foi nestas terras que consolidaram-se as primeiras instâncias coloniais/colonizadoras do hemisfério, tais como a cidade, a catedral e a universidade, entre outras. O nome da ilha, para alguns Hispaniola ou Quisqueya; e para outros Ayti, é objeto de controvérsias o suficiente para compreendermos que é um território de convulsões sociais³.

Na região de Santo Domingo (hoje capital da República Dominicana), em 1521, houve também a primeira revolta de escravizados africanos na ilha. Praticamente três séculos depois, a República do Haiti foi criada em 1804, libertando todos os escravizados da ilha. Em 1822, o domínio haitiano expande-se até o lado que então havia pertencido à Espanha. Essa ocupação permanece até 27 de fevereiro de 1844, data que marca a independência comemorada pelos dominicanos. Em 1861, parte da elite que restou ao país articula o retorno do jugo espanhol, que só durará até 1865. Ano do fim da chamada Guerra de Restauração, quando os dominicanos conseguem livrar-se do domínio espanhol. Para recobrar as demandas econômicas de tantos anos em estado de guerra, produtores de tabaco e cana de açúcar do país recorrem ao pujante vizinho do norte – os Estados Unidos, nas últimas décadas do século dezenove.

Desde o início dessas relações, o interesse maior dos estadunidenses era anexar a ilha toda ao seu império. Diversas justificativas eram mobilizadas, mas a tratativa não chegou a se concretizar. Não precisou. Devido aos créditos oferecidos aos produtores dominicanos que não puderam dar conta das dívidas acumuladas, o governo dos Estados

² A presença de dominicanos em Nova Iorque foi analisada pelo sociólogo Jesse Hoffnug-Garskoff (2013). O aumento de pedidos de visto no pós-revolução, é um ponto que não trabalharei neste texto, mas corre em paralelo com a discussão proposta. O papel do Brasil na Revolução de 1965, apoiando o exército estadunidense foi observado por Thomas Skidmore (1982:397) como uma prova das relações entre militares dos dois países. Carlos Fico também tece alguns comentários (2008:34,155-166), mas é no pequeno livro de Raimundo Caruso (1988), que se encontra uma análise mais detida de Florestan Fernandes a respeito dos acontecimentos e das relações.

³ Para um trabalho que explora as fundações do antagonismo e as solidariedades entre dominicanos e haitianos, ver a obra de Ann Eller “We dream together”, (ver Eller, 2016:238, nota 5 da introdução).

Unidos negociou o controle alfandegário dominicano com os governos da virada do século. Essa situação se arrasta até 1916, quando os Estados Unidos, em nome dessas mesmas dívidas acumuladas, ocupa o território dominicano, com o controle total do país. O mesmo ocorre com o vizinho Haiti um ano antes. A ocupação permanece até 1924, quando muitas empresas estadunidenses se consolidam na produção de açúcar e a fronteira com o Haiti é delimitada e controlada pelos militares imperialistas. Nessa época, muitos dominicanos foram formados nas academias militares do norte-americanos. Entre eles se formou Rafael Leônidas Trujillo. O ditador subiu ao poder em 1930. Com apoio dos Estados Unidos e da Igreja Católica, ele aplica a fórmula que, com as devidas diferenças, no Brasil se conheceu como o “mito Vargas”, nas palavras de Ricardo Benzaquem de Araújo (2019:104).

No caso brasileiro, no entanto, o despotismo modernizador da figura do líder autoritário durou pouco em comparação com a República Dominicana. Somente após um atentado em 1961 o ditador foi assassinado ou “ajusticiado” (como dizem os dominicanos). Todo o aparato estatal autoritário que ele criou se manteve, bem como o cultivo de um nacionalismo anti-haitianista/racista e a aversão anti-comunista a qualquer movimento progressista. O país conheceu suas primeiras eleições democráticas em 1962, quando foi eleito o opositor ao antigo regime e intelectual progressista Juan Bosch. A constituição aprovada pelo governo Bosch tinha como um de seus diferenciais a separação entre Estado e Igreja. Seu governo propôs também uma série de reformas para dirimir os abismos sociais do país. Iniciado em janeiro de 1963, não passou do mês de setembro.

Bosch foi deposto por uma articulação entre militares e grupos da oligarquia dominicana, alguns inclusive concorreram contra ele nas eleições de 1962. Em seu lugar, foi criado um triunvirato composto por notáveis da sociedade que não durou até o ano de 1964, e foi dissolvido num Conselho de Estado. O conselho era encabeçado por Donald Reid Cabral, membro da oligarquia. Seu breve comando foi marcado por muitas greves e a crise econômica devido a seca nos campos de cana-de-açúcar. Muitas articulações foram feitas para derrubar o Conselho de Estado. Foi necessária uma revolta entre soldados, tenentes, sargentos e outros membros do baixo escalão do exército dominicano, em 24 de abril de 1965, para que as tensões escalassem à condição de combate franco.

Naquele dia, no programa de rádio de destaque nacional de José Francisco Peña Gómez, ouviu-se o chamamento ao povo para ir as ruas e apoiar o grupo de militares. A

consigna do grupo era o retorno à constituição de 1963 e a reposição de Juan Bosch à presidência. Começando no sábado na hora do almoço, a rebelião reuniu populares e grupos progressistas à causa. As primeiras batalhas serviram para impedir que as tropas leais ao governo oligarca entrassem na capital. O palácio da presidência foi ocupado e todo o centro da cidade de Santo Domingo já pertencia aos rebeldes. Em meio a esses combates o nome de Francisco Alberto Caamaño, um jovem militar de uma família próxima ao ex-ditador, se destacou como uma liderança importante.

Foi acordado que, enquanto Bosch não voltasse, Caamaño seria o novo presidente do país e líder da revolução. Na quarta-feira da semana seguinte (28 de abril), os primeiros soldados estadunidenses desembarcavam em nome da segurança de seus cidadãos. Caamaño e seus companheiros do comitê de transição haviam pedido apoio ao Embaixador dos Estados Unidos. Entretanto, o retorno de Bosch poderia significar “uma nova Cuba” no Caribe. A luta perdurou até setembro de 1965. Em torno de 30 mil soldados estadunidenses foram mobilizados. Além destes, governos alinhados ao imperialismo, como Brasil, Honduras, Paraguai, Nicarágua e Costa Rica enviaram contingentes menores, para formar a Força Interamericana de Paz (FIP). Do Brasil foram 1.300 soldados – o segundo maior contingente⁴. Ambos os lados tiveram muitas baixas, mas os revolucionários se viram numa situação mais fragilizada, pela falta de recursos, treinamento e poderio militar. Em setembro foi assinado um acordo que determinou novas eleições em 1966, e, conseqüentemente a anistia aos revolucionários.

A pesquisa em desenvolvimento investiga a fabricação da noção de *ex-combatentes*, enquanto parte dos efeitos da revolução, no contexto da Fundación de Solidaridad con los Héroes de Abril – FUSHA. A fundação trabalha com a produção de relatos a respeito dos civis ex-combatentes dos bairros operários do período da revolução. Apesar de seus membros serem respeitados por outras organizações e pesquisadores da revolução, suas condições são precárias.

O acontecimento fundante desses agenciamentos (a revolução) é tomado aqui como uma tragédia, no sentido que David Scott atribui à Revolução de Grenada, em que “a ação trágica costura preocupações com o tempo da reparação justa” (2014:28). Scott inspira-se nos debates desenvolvidos pela filosofia ocidental e pela teoria política contemporânea a respeito da irredutibilidade da história ao tempo e vice-versa, para

⁴ Honduras enviou 250 soldados, o Paraguai 178, Nicarágua 159 e Costa Rica 21 policiais. Menos importante foi o envio de 3 militares por El Salvador.

expressar a necessidade de se compreender as questões envolvendo traumas, memória e justiça como partes de uma crise de tempo e experiência temporal (2014:22)⁵.

No contexto discreto desta reflexão as experiências de Don Jorge Puello Soriano são trazidas de modo a oferecer uma perspectiva crítica a respeito da temporalidade das violências e suas durações. Para entender como ele se envolve nos movimentos políticos da época, mesmo tão jovem, vale a pena retornar às redes de relações de seu pai, El Men.

El Men, um herói da revolução

Na conversa que tivemos via WhatsApp, Don Jorge não trouxe muitos elementos para um relato substancial sobre seu pai. Para matizar e trazer alguns detalhes ausentes na conversa, eu utilizarei algumas das informações que estão nos relatos que Tirso Medrano (presidente da FUSHA) fez a partir de sua entrevista com El Men. Como uma figura que é parte do panteão dos heróis conhecidos, ele foi entrevistado muitas vezes. Por isso, já há um corpo de informações conhecidas sobre ele.

Jorge Puello Soriano (pai) nasceu em 1925. Na época da ditadura de Trujillo trabalhava na principal fábrica de sapatos da capital (uma das mais antigas no setor industrial da República Dominicana). Ele complementava a renda com trabalhos como sapateiro que fazia em casa, e desde a infância de Jorgito começou a se vincular com movimentos políticos contrários à ditadura. Como disse meu interlocutor “era um homem alto, forte e musculoso – de personalidade forte”. Através de alguns conhecidos como Andrés Ramos Guerrero, que lutou com Fidel Castro em Cuba, se conectou aos grupos socialistas do Caribe. Após a morte do ditador Trujillo, El Men decide se filiar ao Movimento Popular Dominicano - MPD, um partido de denominação marxista leninista criado em Cuba em 1956. Em 1962, ele vai a Cuba para receber treinamento militar. Na volta, no ano seguinte, apesar de fazer parte de um grupo crítico ao governo liberal de Juan Bosch, El Men, junto ao MPD se opõe ao golpe de Estado sofrido pelo primeiro presidente eleito no pós-ditadura.

Nessa época, acompanhando a atividade militante do pai, Don Jorge foi se envolvendo com diversas ações desse meio, desde acompanhar reuniões, até levar os

⁵ A reflexão do livro de David Scott é inteiramente relacionada com os temas tratados aqui, de modo que é difícil definir somente um ponto de conexão. Portanto, para evitar uma exposição pormenorizada das questões locais ou teorias que o autor trata, indico que minha inspiração reside na constatação nada ingênua de que tragédias são o resultado de uma pluralidade de ações concatenadas. Da colisão de tais ações, suas justificações e seus efeitos (2014:22).

coturnos feitos por seu pai para serem costurados, antes do envio aos combatentes. Por estar apoiando as guerrilhas que se formaram em oposição ao governo golpista, El Men foi preso em 1963.

A principal delas, cuja derrocada causou mais impacto entre os dominicanos foi o Movimento 14 de Junio, que teve parte de seus guerrilheiros mortos nas montanhas. Esse movimento era composto em sua maioria por jovens de classe média e média alta, que fizeram parte da oposição ao ditador. O líder, Manolo Justo Tavares, foi um dos mortos na ação ocorrida em 1963. Ele ficou conhecido primeiramente, por perder sua esposa, Minerva Mirabal (assassinada pelo ditador junto com suas irmãs)⁶. Depois da queda de Trujillo, Tavares Justo se projetou como uma das grandes lideranças do país.

Após a morte do líder do 14 de Junio, a perseguição aos simpatizantes se tornou mais intensa. Don Jorge contou que as primeiras manifestações que participou foram nesse período. Foi seguindo o movimento pela anistia aos presos políticos que seu envolvimento começou a ganhar contornos mais significativos: passou a prestar mais atenção aos conceitos que permeavam os debates da esquerda dominicana.

El Men foi solto em 1964, e voltou às atividades de resistência e mobilização contra o governo (então) do Conselho de Estado. Como afirmei anteriormente, eram muitos os planos para derrubar o governo encabeçado por Donald Reid Cabral. Ainda assim, o estouro da revolução pegou muitos grupos de surpresa. Por exemplo, a maneira (contada à Tirso) como o pai de Don Jorge soube da revolução de 1965:

Estando no pátio da minha casa, como as três da tarde, chegaram Marcos Santana e Teresa Rojas para me dizer que Peña Gómez, estava exortando o povo a se lançar às ruas. Eu era membro do comitê central do MPD, e imediatamente fui a escola Arzobispo Valera, onde começamos a nos reunir Maximiliano Gómez (El Moreno), Otto Morales, Prim Montás, Baldemiro Santana, Pablo Robles, Pachiro e outros membros mais cujo nome não me lembro agora (...) mas eu ainda não tinha armas. No dia 26 de abril, estando na rua Benigno Del Castillo esquina com Salcedo, vejo que vem um guarda que se via cansado e disse a mim mesmo “esse é o meu fuzil”. Me aproximei dele e disse “Irmão, vem cá, você está cansado!” e fiz ele sentar num colmado (boteco/mercearia). Ofereci um refresco e aí lhe tirei a metralhadora San Cristóbal. Essa foi minha primeira arma.

(Jorge Puello Soriano, “El Men”, conforme relatado a Tirso Medrano, Página da Fundación de Solidaridad Con los Héroes de Abril – FUSHA, tradução livre)

Durante a revolução, diversos grupos se formaram, sob o nome de *comandos*. Eram agrupamentos quase-segmentares, poderiam seguir a lógica das relações

⁶ A história das Irmãs Mirabal repercutiu de tal forma que foi um dos principais fatores que levaram à derrocada do ditador Trujillo. O 25 de novembro de 1960 em que elas foram mortas, serviu de referência para a definição do Dia internacional do combate à violência contra a mulher. Para uma versão ficcional da história delas, ver Júlia Alvarez, “No tempo das Borboletas”.

interpessoais dos combatentes (grupos familiares, vizinhos, amigos de bairro) e/ou poderiam seguir formatos de agregados institucionalizados (partidos, sindicatos, agrupamentos militares). O que importa reter para a discussão é o diferencial das posições internas nos comandos. Ser o comandante não só oferecia reputação, mas colocava à prova a capacidade de liderar combatentes mal treinados com armas e munições limitadas, contra boa parte do exército dominicano, tropas estadunidenses e alguns destacamentos de outros países latinos (como o Brasil).

El Men foi o *comandante* do ‘Comando do MPD’. Ao longo das batalhas, se firmou como um líder e combatente de respeito. Uma das histórias que contou a Tirso Medrano, a qual Don Jorge também mencionou em nossa conversa, ocorreu no dia 6 de maio de 1965, quando um grupo de soldados ianques, com um comboio blindado e um jipe, avançaram a zona constitucionalista (como era chamado o território dos rebeldes, uma vez que defendiam a constituição de 1963). A ordem do líder da revolução, Francisco Caamaño, era de abater qualquer estadunidense que entrasse nos perímetros da revolução. El Men, habilmente enviou dois motoqueiros para averiguar a situação, o número de homens e o tipo de armas que levavam. Segundo conta, eram mais ou menos sete soldados, bem armados com metralhadoras calibre 50, um canhão 105 milímetros no Jipe e fuzis AR-15. No comando do MPD estavam 16 homens, com metralhadoras Thompson, San Cristóbal, revólveres Enriquillo e fuzis Mauser⁷.

Apesar da diferença numérica, as armas, equipamentos e a preparação exigiam cuidado no ataque (uma briga nas sombras, como disse o comandante). A guerra de guerrilha se caracteriza por essas táticas de provocação e emboscada para o aniquilamento. O ataque foi rápido, durou menos de 20 minutos, mas foi o suficiente para matar três soldados invasores. Como não houve baixas da parte do comando do MPD, o então presidente Caamaño condecorou El Men pela astúcia e pela tática utilizadas. Esse ataque foi descrito também no livro do jornalista Tad Szulc, correspondente do New York Times na época (em Szulc, 2015:194).

Ainda na Revolução, ele foi convocado para levar a luta para o interior do país. Apesar de chegar com alguma dificuldade à segunda maior cidade dominicana,

⁷ As armas são actantes importantes não só nas narrativas mas também nos tipos de táticas possíveis para a guerrilha revolucionária. A carabina San Cristóbal, por exemplo, era uma arma de fabricação dominicana, criada por um fabricante húngaro na época do ditador Trujillo. Ela leva o nome da terra natal do ditador, e foi uma das armas mais exportadas na América Latina entre os anos 1940 e 1960. O Brasil foi um dos importadores deste produto, mas, ela também foi muito usada na Revolução Cubana. Dizem que era a arma favorita de Che Guevara. Uma arma rápida, leve, que, no entanto, esquentava muito a medida que era usada. Portanto, num combate com armas mais resistentes, era de pouca utilidade.

Santiago de los Caballeros, foi preso junto com seus companheiros e levado por avião até a base onde estavam os estadunidenses. Lá testemunhou o enorme contingente mobilizado para derrubar o esforço revolucionário, diariamente eram 20 a 30 helicópteros. Após a Revolução a luta continuou para El Men.

Talvez, seja possível dizer que a situação piorou nos anos seguintes. O melhor resumo vem dele próprio, quando conta a Tirso Medrano que depois de 1965, ‘parava mais preso que solto’. De tantos golpes que recebeu em seu corpo, terminou a vida cego. Na entrevista ele afirma perdoar a todos seus ofensores em nome do fim último de suas lutas, a “torre universal do socialismo”. No livro “De la calle a los Estrados por Justicia y Libertad” (2008), o advogado que defendeu El Men ao longo dos anos Balaguer, Ramón Antonio Veras (Negro), relata que o ex-combatente foi objeto de todos os tipos de humilhações. Chegou a ficar três meses sem ver o sol, recebia alimentos uma vez ao dia. Além das torturas, a duração do seu sofrimento se estendida através da postergação de julgamentos.

No dia 3 de setembro de 1965, o Coronel Caamaño resumiu bem o resultado imediato da revolução, em seu último discurso como presidente: “Porque o povo me deu o poder, ao povo venho devolver o que lhe pertence. Não pudemos vencer, mas, tampouco pudemos ser vencidos...”. No que viria a seguir, ele não pôde permanecer no país. Foi “enviado” como embaixador para Londres. As eleições em 1966, foram marcadas pela violência dos grupos articulados com Joaquín Balaguer. Juan Bosch se candidatou novamente, mas devido à ameaças recebidas constantemente, decidiu fazer a campanha através do rádio em sua casa. O resultado foi a eleição de Balaguer, e a readequação das estruturas estatais à lógica que já estavam acostumadas.

Como havia sido o ex-braço direito do ditador Trujillo, ele pôde então dar continuidade ao projeto fundado por seu mentor⁸. O uso da força foi realocado para um espaço narrativo tanto mais tecnocrático, quanto mais romântico. Balaguer não se preocupava em atuar uma performance de dominância, no sentido de um poder masculino. Ele era a vítima de suas vítimas. Era uma relação esquizoide que fabricou traumas, tragédias e mortos, sob o véu de docilidade (retornarei a esse ponto abaixo). Trujillo, por sua vez, não demonstrava passividade ou reatividade nesses casos, ele era o varão da nação (como foi descrito na obra de Lauren Derby, 2009).

⁸ Em minha pesquisa de doutorado considero a análise de Christian Krohn-Hansen sobre esse período que ficou conhecido na República Dominicana como “Trujillismo sem Trujillo” (2008:2).

El Men, na entrevista concedida à Tirso Medrano, já com 91 anos, pouco tempo antes de seu falecimento, procurou evitar o rancor. Ressaltou o respeito, o reconhecimento de seus inimigos e até mesmo alguns carcereiros entre as muitas histórias contadas. Apesar das inúmeras entrevistas, livros e comemorações em seu nome, parece que sua trajetória de lutas terminou por ocultar as violências sofridas por seu filho Jorgito.

Em uma matéria publicada no periódico ‘Acento’, de 14 de abril de 2016, a história de Don Jorge é apresentada a partir do mesmo título dos jornais da época de sua primeira prisão: “El Angelito Negro: el niño que fue preso político en los doce años de Balaguer” (Ramos, 2016). O texto escrito pelo historiador Alejandro Paulino Ramos, oferece um exemplo dos efeitos de ocultamento que as ações de Jorgito sofreram. Apesar de falar sobre ele, o texto traz El Men como o grande sujeito de toda a trama de acontecimentos. Para complementar as informações o historiador se baseia na entrevista feita pelo departamento de História Oral do Archivo General de la Nación (AGN) em 2015. A ausência de Jorge Puello, o filho, o sujeito do tema da matéria, seja em imagens, seja na falta de indicações a respeito de sua vida contemporânea, opera como a consolidação de seu lugar como a página de um arquivo. A única foto contemporânea da matéria é a de El men.

Dirijo minha atenção à voz de Don Jorge no que segue, para compreender as formações do silenciamento na sua experiência.

El Angelito Negro

A conversa que tivemos, ocorreu depois de minha volta ao Brasil (em 2020). Ela teve a ajuda de um vizinho venezuelano de Don Jorge (Jesús, que emprestou seu celular para a nossa conversa). A través de uma ligação de áudio, ele respondeu durante mais ou menos duas horas, algumas provocações e perguntas. Pedi, de início, que me contasse sobre seu pai e a relação com a militância que herdou dele. O que, como se viu acima, não trouxe um relato detalhado sobre El Men (uma vez que tive de utilizar outras fontes para reproduzir a trajetória dele). Não demorou muito para trazer alguns de seus sonhos, as lutas que enfrentou, e as mudanças de perspectiva a partir do exílio. Decidi, portanto, nomear três momentos do seu relato de modo a ressaltar os elementos pertinentes para a reflexão: futuros revolucionários; a inconstância no exílio; e as melancolias no retorno.

Futuros revolucionários: comentei na introdução que Don Jorge em sua pré-adolescência (tendo nascido em 1951) já participava das movimentações políticas junto

ao seu pai após a morte do ditador Trujillo. Quando estourou a revolução ele quis continuar ativo, mas seu pai não deixou, mesmo que fosse para buscar armas ou ajudar a roubá-las de membros do Estado dominicano. Por isso, quando o conflito aberto cessou, ele se envolveu de maneira mais direta com os movimentos estudantis e a organização de células do MPD nas escolas públicas.

De forma traumatizante, ele descobriu que suas atividades vinham sendo monitoradas. Em 1967, seu pai decide tirá-lo do país, com o intuito que continuasse seus estudos em Cuba. Eles secretamente organizaram uma viagem cujo destino era a França (de onde tomariam o voo para Cuba). No entanto, quando arrumaram as malas para partir um espião da inteligência do governo os seguiu e alertou as autoridades. Don Jorge foi retirado de dentro do avião com outros dois revolucionários adultos, companheiros de seu pai. Sua mãe, que desconhecia os planos, descobriu pela rádio que o filho havia sido preso.

Em sua bagagem haviam documentos a respeito da esquerda dominicana, a serem entregues para membros de organizações socialistas e comunistas europeias. Eles foram utilizados por Balaguer, para denunciar o MPD e outras organizações de ferirem a soberania nacional. Em fevereiro de 1967, o então presidente fez uma declaração em que acusava os membros do partido de aliciarem jovens como o “angelito negro”. Ao me contar sobre a repercussão nacional de sua prisão, Don Jorge explica que foi um acontecimento apoteótico em sua vida. Para ele, Balaguer (com sua habilidade de comunicador e intelectual) utilizou do eufemismo “Angelito” (anjinho em português) para expressar o que na verdade queria dizer “Diablito” (ou diabinho)⁹.

A imprensa da época se surpreendeu com a capacidade do pequeno Jorgito de mobilizar conceitos marxistas como a dialética, para justificar seu envolvimento nas atividades do MPD. No mesmo ano, Jorge Puello voltou a ser preso, e passou a ser torturado “por até 4 horas, com golpes na cabeça”. Dos 15 aos 18 anos, foi preso diversas vezes, e na maioria das vezes quem o torturava era o chefe do serviço secreto.

A medida que as detenções ocorriam, Don Jorge me descreveu também, sua maior ligação com as discussões da esquerda dominicana naquele período. Para ele, o principal intelectual operário que se produziu dentro das estruturas do MPD, foi

⁹ Na conversa ele mencionou outras situações em que a habilidade com as palavras serviu de justificativa para a manutenção da ordem: o assassinato de Manolo Tavares em 1962; a morte de Francisco Caamaño em 1973, também nas montanhas reunindo guerrilheiros para derrubar o regime, quando o ditador disse que “não havia prisão grande o suficiente para recebe-lo”; e, por fim, o assassinato do líder estudantil universitário Orlando Martinez, cujos artigos jornalísticos “não o deixavam trabalhar”.

Maximiliano Gómez “El Moreno”, “obrero, negro y muy humilde”, conforme me descreveu. As ideias d’El Moreno, de nacionalizar as problemáticas marxistas para o contexto dominicano, foram a maior inspiração de Jorge em seus anos de formação. Após a morte de Che Guevara em 1967, a tática dos focos revolucionários já não bastava, segundo o pensador. Era necessário forjar alianças estratégicas com outros setores para derrubar o ditador, para além das querelas entre maoístas e leninistas. Sua tese era que o país vivia em um Subdesenvolvimento Econômico Híbrido – formado pelo capitalismo desenvolvido, o protocapitalismo e o semifeudalismo. As críticas ao que El Moreno chamou de Colonialismo Ideológico da esquerda dominicana, chegaram a “alma e o coração” de Jorge Puello. Ele continuou trabalhando para o MPD, ao longo da segunda metade da década de 1960, organizando a Unión de Estudiantes Revolucionários (UER).

Em 1969, esteve encarcerado no mesmo presídio que El Moreno. A famosa prisão de La Victoria, criada por Trujillo. Nessa ocasião, os membros do partido sabiam que era uma estratégia do regime balaguerista para matar a liderança. Em resposta, sequestraram o embaixador estadunidense Joseph Crowley, demandando que os membros do partido presos fossem enviados a Cuba. Antes que as negociações terminassem, Jorge conseguiu um Habeas Corpus.

Uma vez fora da cadeia, ele tentou articular um grupo paramilitar. Seu pai que estava no interior, mobilizando e organizando grupos sindicais na região do país onde se produz tabaco (ao noroeste) mandou buscar Jorge, para que se escondesse por um tempo fora da capital. O início dos anos 1970 foi marcado por uma escalada da violência do regime de Balaguer, e a resposta dos seus opositores também mudou de tom. Em 1973, com a morte de Caamaño, houve muitas divisões no MPD. Na sua última prisão, nesse mesmo ano, Don Jorge foi deportado para a França. Um novo horizonte de expectativas começara a se desenhar a partir desta mudança em sua trajetória.

A inconstância no exílio: meu interlocutor foi para a França com três ou quatro companheiros. Como o partido estava mais organizado na Itália, eles foram para lá depois de 3 meses. Como delegado, ele participou da estrutura internacional do partido e enviava informes para o MPD na República Dominicana. Ele não detalhou como foi sua saída dos quadros do partido. Somente explicou que já não via mais sentido para militância longe do país e que havia passado muitos anos discutindo as mesmas ideias.

Nessa época, se vinculou à contracultura italiana, acompanhou a chegada das ideias do guru Osho no país, mas não quis se tornar um de seus militantes (o que já tinha feito a metade de sua vida). Envolveu-se com expressões artísticas como o teatro e a música. Andava sempre com um bongô. O que o levou a ser convidado para participar de um grupo de salsa, a convite do equatoriano Juan Lopez que conheceu em uma festa. No grupo ele cantava e dançava. Fizeram apresentações por diversos lugares da Itália e da Europa. Com a popularidade também conseguiu trabalhos como professor de salsa.

Disse-me que por ser negro, o chamavam para muitos trabalhos – além daqueles que fazia para se manter: como cozinheiro, lavador de carros, professor de espanhol, atendente de livraria. Entre essas diversas atuações, chegou a aparecer na televisão na época que vivia na região de Milão.

No início dos anos 1980, foi da Itália para o México e se apaixonou pelo país com sua cultura indígena. Foi quando, conforme me disse, o ‘bichinho da viagem’ o picou. Foi para Guatemala, onde conheceu argentinos, com os quais montou um grupo musical. Com eles foi até Honduras e de lá, partiu sozinho para a Nicarágua, descendo até o Panamá, com passagem por Costa Rica. Do Panamá, voltou brevemente para a República Dominicana, em 1981, que nesse momento estava sendo governada por António Guzmán Fernández, do Partido Revolucionario Dominicano – PRD. O primeiro governo eleito depois do domínio de Balaguer, que saiu como se os doze anos no poder tivessem sido legítimos.

Como muitos dominicanos nesse período, Don Jorge foi a Nova Iorque, após conseguir o visto que lhe foi negado enquanto estava no México. Ao passar o final de 1981 nos Estados Unidos, desistiu de morar lá por causa do frio. Em 1982, voltou ao México, onde morou desta vez por três anos, quando lhe saiu a “veia de compositor e pintor”. Em 1985, voltou ao seu país de origem e lá permaneceu até março de 1987. Joaquín Balaguer havia retornado ao poder após o desastroso governo de Salvador Jorge Blanco (também do PRD, que sucedeu Guzmán). Nesse período culminaram os efeitos das políticas urbanas iniciadas no final dos anos 1960, com a crise econômica e de abastecimento nas grandes cidades dominicanas. De 23 a 26 de abril de 1984, uma revolta tomou conta da população da periferia da cidade de Santo Domingo. Talvez a maior manifestação de insatisfação política das últimas décadas do século XX no país¹⁰.

¹⁰ A socióloga Laura Faxas desenvolveu uma análise conjuntural considerando as linhas de permanências dos anos 1960 aos anos 1990 (2007). Para ela (2007:159), a derrocada desta revolta popular significou a morte do que chamou de “mito populista” dominicano. O retorno de Balaguer em 1986 durou até 1996.

Um amigo porto-riquenho de Jorge Puello lhe convidou para tocar em Toulouse, na França. Como a passagem estava paga, ele decidiu ir. No entanto, não foi uma boa estadia. De lá ele foi para a Espanha, voltou a Itália e se estabeleceu por um tempo na ilha de Sardenha. Lá trabalhou como músico e professor de dança. Tentou voltar ao México em 1991, mas só pôde visitar por alguns meses, sem conseguir o visto de permanência. Retornou à República Dominicana no mesmo ano, passando antes pela Europa. Ficou até novembro de 1992, quando um amigo conseguiu o contato para a residência no México. Porém, conforme me disse, “já não era a mesma coisa”. Com a crise da produção da Tequila e o levantamento Zapatista em 1994, o clima do país estava muito tensionado. Dessa vez, voltou para ficar 23 anos na terra de seu pai.

Quando lhe perguntei em que situação havia conhecido o Tirso, me respondeu que provavelmente em 1985. Foi durante algum evento promovido por ongs, como o ‘*Octubre Mulato*’ (outubro mulato). O presidente da fundação era então somente um poeta, e participava de tais eventos como declamador. O conheceu pois “coincidiam em lugares”. Levaram alguns anos, para que se aproximassem e tivessem os eventos da revolução de 1965 como interesse em comum.

As melancolias no retorno: a volta à República Dominicana, soou em nossa conversa como um momento menor. De tantas coisas extraordinárias que haviam acontecido à Jorge Puello, aquela parecia a menos interessante. Voltar ao país, ainda governado pelo homem que causou seu exílio, Joaquín Balaguer, que estava cego e com 90 anos (ironicamente, o mesmo que passou com seu pai nessa idade). A passagem dos anos 1990 aos anos 2000, só é referida por Don Jorge, como o momento onde buscou o Estado dominicano para conseguir apoio aos seus projetos artísticos (enviou currículo e propostas). Foi estranho voltar como um desconhecido a um país que começara a sentir os efeitos das reformas neoliberais e dos seus ajustes estruturais (impostos pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional). Parecia que já não havia mais lugar para os sonhos de uma sociedade mais justa.

A relação com Tirso se fortaleceu nos últimos três anos, conforme me explicou. Isso coincidiu com a criação da fundação, com as buscas de Tirso por ex-combatentes da revolução e sua entrevista com El Men. Mas, diferente dos órgãos estatais de produção de arquivos como o AGN, Tirso projetou a possibilidade de haverem reparações e financiamentos do governo para o projeto da Fundação. Don Jorge, apesar

Para tanto foi necessário fraudar as eleições de 1990, quando José Francisco Peña Gómez (o mesmo que fez o chamamento via rádio para a revolução), era considerado o favorito.

de não ter lutado nas linhas de frente da revolução, recebeu um certificado de Herói, como tantos outros combatentes. Desse modo, o presidente da FUSHA operou uma importante extensão dos significados da revolução de Abril. Se a vida de Jorge Puello, tomada como ato sacrificial em nome da criação de condições de vida mais justas no país podia ser compreendida como a trajetória de um herói, então o próprio sentido da revolução passara a se multiplicar em outros.

A cisão entre o que se passa de um ano ao outro (de 1965 à 1966), não é a instauração de um novo regime. O Estado dominicano retornou à lógica autoritária. Certamente, com semelhante maquinaria justificativa para o uso da violência: a preocupação com a manutenção da ordem e do progresso. A articulação com a oligarquia de modo a evitar golpes de Estado foi restabelecida.

O que foi alterado no estado de espírito daqueles que sofreram com a revolução, foi a necessidade de continuar a luta através de articulações e movimentos organizados. Assim, parece que a extensão operada por Tirso reside no atar de laços que pareciam desfeitos, entre a revolução e a luta para derrubar o regime autoritário de Balaguer.

Da perspectiva de Don Jorge, sua relação com a fundação hoje “está um pouco fria”. Não é de surpreender que as condições que se desenharam nos últimos meses afetem de maneira aguda a estrutura da fundação que já era precária. As atividades dessa organização funcionam através de doações. As reparações mínimas que operam advém de pequenos gestos como cestas de natal ao final do ano, o pagamento de remédios, a impressão dos certificados de heróis e a divulgação das histórias nas redes sociais. Entre os futuros sonhados do passado, a inconstância que impedia a adaptação a novos lugares e as melancolias da volta ao seu país, esse projeto de reparação¹¹ também pode frustrar as expectativas do antigo militante do MPD.

Considerações finais

Ao longo dessa breve exposição procurei apresentar a Revolução de 1965 como um evento que afeta tanto os passados, quanto os futuros. Partindo de um sobrevoo por acontecimentos do que se compreende enquanto história dominicana, procurei localizar a leitora. Em comum com as diversas experiências de outros países caribenhos e latino-

¹¹ Da forma como a compreendo, a relação da FUSHA com o Estado carrega diversos tipos de ambiguidade. É um agrupamento reconhecido oficialmente, mas não foi selecionado por nenhum ministério para ser mantido com verbas públicas, como ocorre em outros casos. A meta estabelecida pelo presidente da fundação além do que já é feito, seria oferecer serviços de lazer e saúde para esses idosos. O que não será possível descrever com maior detalhe nesta reflexão.

americanos, está a interferência de forças estrangeiras, colonialistas ou imperialistas, nos assuntos nacionais. Suas especificidades se desenham nas personagens que surgem e o efeitos que elas têm na vida dos diferentes estratos da população. Assumi os perigos do reducionismo em minha descrição, para ressaltar o caráter violento que permanece no cotidiano dominicano entre um ditador e outro (de Trujillo à Balaguer). Em especial, como duas gerações de uma mesma família (pai e filho), são objetos do mesmo tipo de violência ao longo das muitas transformações institucionais que afetam o país, num curto espaço de tempo. Ambos são construídos nas narrativas da fundação como heróis, apesar das reações diferentes às violências sofridas.

Com o interesse em indicar possíveis aprofundamentos, volto-me a algumas das situações trazidas acima, para reter os fragmentos que, de modo relacional, podem informar sobre outros sujeitos afetados pelo reconhecimento diferencial fabricado na República Dominicana.

Um elemento que perpassa as trajetórias acima é o fato de serem dois homens negros sujeitados por regimes que visavam explicitamente branquear a identidade nacional dominicana¹². Somado a esse fator, está a militância socialista, a que restaram pequenas organizações sem expressão no cenário nacional. Na recuperação da história de Don Jorge por Alejandro Paulino Ramos feita em 2016, o historiador se utiliza do material gravado pelo AGN que é parte de um projeto de história oral. Durante minha pesquisa em 2019 contatei os pesquisadores que estiveram à frente deste projeto, chamado “Vozes de Abril”. Apesar das entrevistas serem bem feitas e tratarem de questões pertinentes, muitos de seus entrevistados que conheci em campo, sentiam que aquele esforço havia sido em vão. Não são arquivos de fácil acesso, não levaram a uma mobilização pelo reconhecimento, nem a reparação pelas violências sofridas.

Nesse sentido, a trajetória do músico aparenta ter sido objeto dos quatro momentos apontados por Michel Rolph-Trouillot, quando comenta os processos de silenciamento (1995:29): A criação do fato (quando se elaboram fontes); a composição do fato (na elaboração dos arquivos); a recuperação do fato (quando são feitas as narrativas); e, por fim, a significância retroativa (a elaboração da história em última instância). Ao comentar o tratamento das histórias de minorias políticas por historiadores profissionais estadunidenses, Trouillot coloca que: “quanto mais

¹² Para análises das formas pelas quais a história dominicana é branqueada nos períodos autoritários, ver os trabalhos de Dixa Ramírez (capítulos 1,2 e 3, 2018) e Lauren Derby (capítulos 6 e 7, 2009).

importante uma questão para segmentos específicos da sociedade civil, mais contidas as interpretações dos fatos oferecidas pelos historiadores profissionais” (1995:21).

Diante desse quadro mais amplo de silenciamento, vale a pena retornar ao detalhe das torturas sofridas por Don Jorge em sua adolescência. Sua capacidade de enuncia-las, ainda que sem detalhes, é enquadrada dentro de motivações maiores que seu próprio corpo (considerando que o exposto neste texto é um olhar sobre “aquilo que ficou do que foi vivido”, como propõe Sarti, 2019:507). Fosse uma situação que ocorreu secretamente, ou ainda da qual não houve registro, seria, talvez, concebível a posição de desamparo em que ele se encontra hoje. No entanto, suas primeiras detenções foram noticiadas em cadeia nacional. Com o passaporte dele em mãos, o presidente justificou-se em pronunciamento para todo o país culpando-o como ‘futuro arquiteto do comunismo’. De novo, as razões para a violência pertencem a lutas maiores, só que nesse caso, algumas vidas são mais descartáveis que outras.

A trajetória que explicita também as andanças desse homem, o “bichinho da viagem”, as aventuras pela Europa e pela América Central, mostra alguém disposto a se estabelecer em outro lugar. Talvez as artes e a contracultura dos anos 1970 tenham oferecido a ele outro modo de estar no mundo. Em seu retorno à República Dominicana, é através da memória dos tempos de luta que novos modos de relação se tecem. Porém, é uma lembrança amarga porque precária. O sofrimento de então se transforma nessa condição de precariedade que também silencia. Semelhante ao que Elizabeth Povinelli descreve como um tipo de “economia do abandono” característica de um liberalismo tardio (2011: 3-4). Um sofrimento de baixo impacto, com o qual se acostuma a conviver¹³.

As histórias de El Men também colocam questões quando postas em relação a trajetória de seu filho. Parece-me que elas evidenciam a consolidação de um herói, no sentido oferecido aos grandes homens da República Dominicana¹⁴. Ele certamente teve seu reconhecimento em vida.

Desse modo, apesar de Don Jorge ter sido uma criança durante a revolução, ele compartilha com os mais idosos hoje, a condição de carregar sua narrativa como uma

¹³ A autora toma como referência para sua discussão, o conto de Ursula Le Guin “The Ones who walk away from Omelas”. Nele, a história de uma cidade cuja felicidade dos cidadãos depende do sofrimento de uma menina trancada em um armário de vassouras, oferece um paradoxo moral que contempla a sensação de viver no que Povinelli chama de liberalismo tardio (2011:xi).

¹⁴ Nesse aspecto, mais uma vez, a reflexão de Dixa Ramírez (2018), oferece uma análise da lógica dos “grandes homens”. O caso de El Men, encontra ressonâncias com outras personalidades como a poetisa Salomé Ureña, cuja negritude é ocultada nos relatos, apesar de ser uma característica evidente.

medalha. Essas medalhas pesam como fardos da memória (semelhante ao peso do passado descrito por Lambek, 2002). Tais medalhas-narrativas proporcionam formas de temporização que desafiam a ideia do tempo cronológico (ver, Palmié & Stewart, 2016:215-218). Nos modos de contar essas histórias, pessoas como Don Jorge retomam futuros imaginados e proporcionam uma maior duração das possibilidades que a falsa transição democrática pretendeu neutralizar.

Parece que, ao cantar a tristeza que “não tem fim”, no dia que nos conhecemos, ele anunciou também a permanência das condições de opressão em que se vive na República Dominicana. O que subjaz essa temporalidade de esquecidos não é a melancolia pelos tempos vividos, mas a necessidade de resistir, pensar e cantar pelos futuros possíveis.

Referências Bibliográficas

Benzaquem de Araújo, Ricardo. O dono da casa: notas sobre a imagem do poder no “mito Vargas”. 2019. In.: Felgueiras, Carmen; Jasmin Marcelo; Veneu, Marcos (orgs.) *Zigue-zague: ensaios reunidos (1977-2016)*. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio; São Paulo: Editora Unifesp, pp. 93-114.

Das, Veena. 1995. *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India*. Dehli: Oxford University.

Derby, Lauren (Robin). 2009. *The Dictator’s Seduction: Politics and Popular Imagination in the Era of Trujillo*. Durham: Duke University Press.

Eller, Anne. *We dream together: Dominican independence, Haiti and the fight for Caribbean freedom*. Durham: Duke University Press, 2016.

Faxas, Laura. 2007. *El mito roto: sistema político y movimiento popular en la República Dominicana 1961-1990*. México: Siglo XXI; Fundación Global Democracia y Desarrollo: FLACSO República Dominicana.

Fernandes, Florestan. 1988. A versão brasileira da invasão e do regime de 64. In.: Caruso, Raimundo. *A invasão brasileira de 1965 e a guerra de Santo Domingo*. São Paulo: Ícone, pp.21-52.

Fico, Carlos. 2008. *O grande irmão: da Operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Hoffnung-Garskof, Jesse. 2013. *Historia de dos ciudades. Santo Domingo y Nueva York despues de 1950*. Santo Domingo: Academia Dominicana de la Historia.

Krohn-Hansen, C. 1997. *Construction of Dominican State Power and Symbolisms of Violence*. In.: *Ethnos: Journal of Anthropology*, 62(3/4): 49-78.

Lambek, Michael. 2002. *The Weight of the Past: living with history in Mahajanga, Madagascar*. New York: Palgrave MacMillan.

Mintz, Sidney. 1984. Encontrando Taso, me descobrindo. In.: *Dados, Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, IUPERJ, 27(1): 45:59.

Palmié, Stephan; Stewart Charles. 2016. Introduction, For an Anthropology of history. In.: *Hau: Journal of Ethnographic Theory* 6(1):207-236.

Povinelli, Elizabeth. 2011. *Economies of Abandonment. Social Belonging and Endurance in Late Liberalism*. Durham and London: Duke University Press.

Ramírez, Dixa. 2018. *Colonial Phantoms. Belonging and Refusal in the Dominican Americas, from the 19th Century to the Present*. New York: New York University Press.

Ramos, Alejandro Paulino. 2016. El Angelito Negro: el niño que fue preso político en los doce años de Balaguer. Acesso digital em: <https://acento.com.do/politica/angelito-negro-nino-fue-preso-politico-los-doce-anos-balaguer-8339402.html>

Scott, David. 2014. *Omens of Adversity. Tragedy, Time, Memory, Justice*. Durham: Duke University Press.

Skidmore, Thomas. 1982. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Szulc, Tad. 2015. *Diario de la Guerra de Abril*. Santo Domingo: Academia de la Historia.

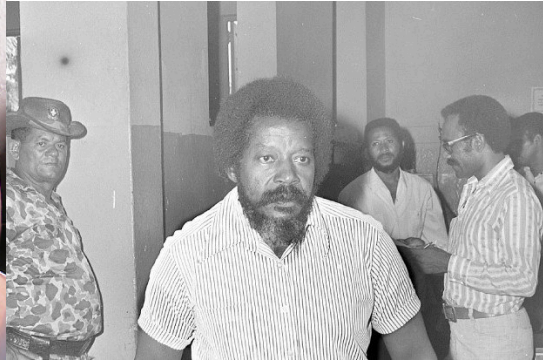
Trouillot, Michel-Rolph. 1995. *Silencing the Past: power and the production of history*. Boston: Beacon Press.

Veras, Ramon Antonio. 2008. *De la calle a los Estrados por Justicia y Libertad*. Santo Domingo: Archivo General de la Nación.


Anexo - Imagens



Jorge Puello Soriano, Jorgito, na sede da FUSHA. Foto: Tirso Medrano.



El Men: alguns anos antes de seu falecimento. Foto: Site Acento, 2016; Na época da Revolução de 65. Foto: Acervo do AGN.

	
PUELLO SORIANO Jorge Antonio	
SEUDONIMOS	: Jorgito
CEDULA NO.	: Menor
PASAPORTE NO.	: 180132
NACIO	: 20 octubre 1951
RAZA	: Negra
COLOR	: Negro
FORMA DE CARA	: Redonda
PELO	: Negro, malo, corto
FRENTE	: Muy ancha y muy alta, redonda
OJOS	: Negros
OREJAS	: Grandes salientes
CEJAS	: Arqueadas, muy separadas y separadas de los ojos
LABIOS	: Pequeños gruesos
BARBILLA	: Triangular
ESTATURA	: 4'
PESO	: 90 Lbs.
POSICION EN EL PARTIDO.	Miembro del MPD
VIAJES INTERNACIONALES.	

10 centavos 16 páginas

El Nacional
DE LABORAL

Santo Domingo República Dominicana, Lunes 9 de Febrero de 1967 N° 150

Libertan A Jorgito



Jorge Puello en su visita de este miércoles a EL NACIONAL, con sus tres hermanos y su madre, en un momento de su visita.

Por R. Nolas Gessala

En el momento que se cumplían los diez años de la liberación de Jorgito, el hijo de los señores Puello Soriano, se le dio un certificado de nacimiento en el Hospital de Maternidad de la ciudad de Santo Domingo.

Jorge Puello, de 15 años, es un niño de espíritu alegre, inteligente y muy activo. Él pertenece a la familia de los señores Puello Soriano, que vive en la ciudad de Santo Domingo.

La familia de los señores Puello Soriano vive en la ciudad de Santo Domingo, República Dominicana.

Jorge Puello, de 15 años, es un niño de espíritu alegre, inteligente y muy activo. Él pertenece a la familia de los señores Puello Soriano, que vive en la ciudad de Santo Domingo.

La familia de los señores Puello Soriano vive en la ciudad de Santo Domingo, República Dominicana.

Angelitos Negros

Por R. Nolas Gessala

En el momento que se cumplían los diez años de la liberación de Jorgito, el hijo de los señores Puello Soriano, se le dio un certificado de nacimiento en el Hospital de Maternidad de la ciudad de Santo Domingo.

Jorge Puello, de 15 años, es un niño de espíritu alegre, inteligente y muy activo. Él pertenece a la familia de los señores Puello Soriano, que vive en la ciudad de Santo Domingo.

La familia de los señores Puello Soriano vive en la ciudad de Santo Domingo, República Dominicana.

El niño de una familia pobre pero noble, Jorgito, fue liberado de la prisión de la ciudad de Santo Domingo, República Dominicana, el día 20 de octubre de 1951.

Desde entonces ha vivido en la ciudad de Santo Domingo, República Dominicana, con su familia.

El niño de una familia pobre pero noble, Jorgito, fue liberado de la prisión de la ciudad de Santo Domingo, República Dominicana, el día 20 de octubre de 1951.

Desde entonces ha vivido en la ciudad de Santo Domingo, República Dominicana, con su familia.

Ficha da detenção de Jorge Puello e Capa do jornal “El Nacional” após a primeira libertação de Jorgito, 1967.